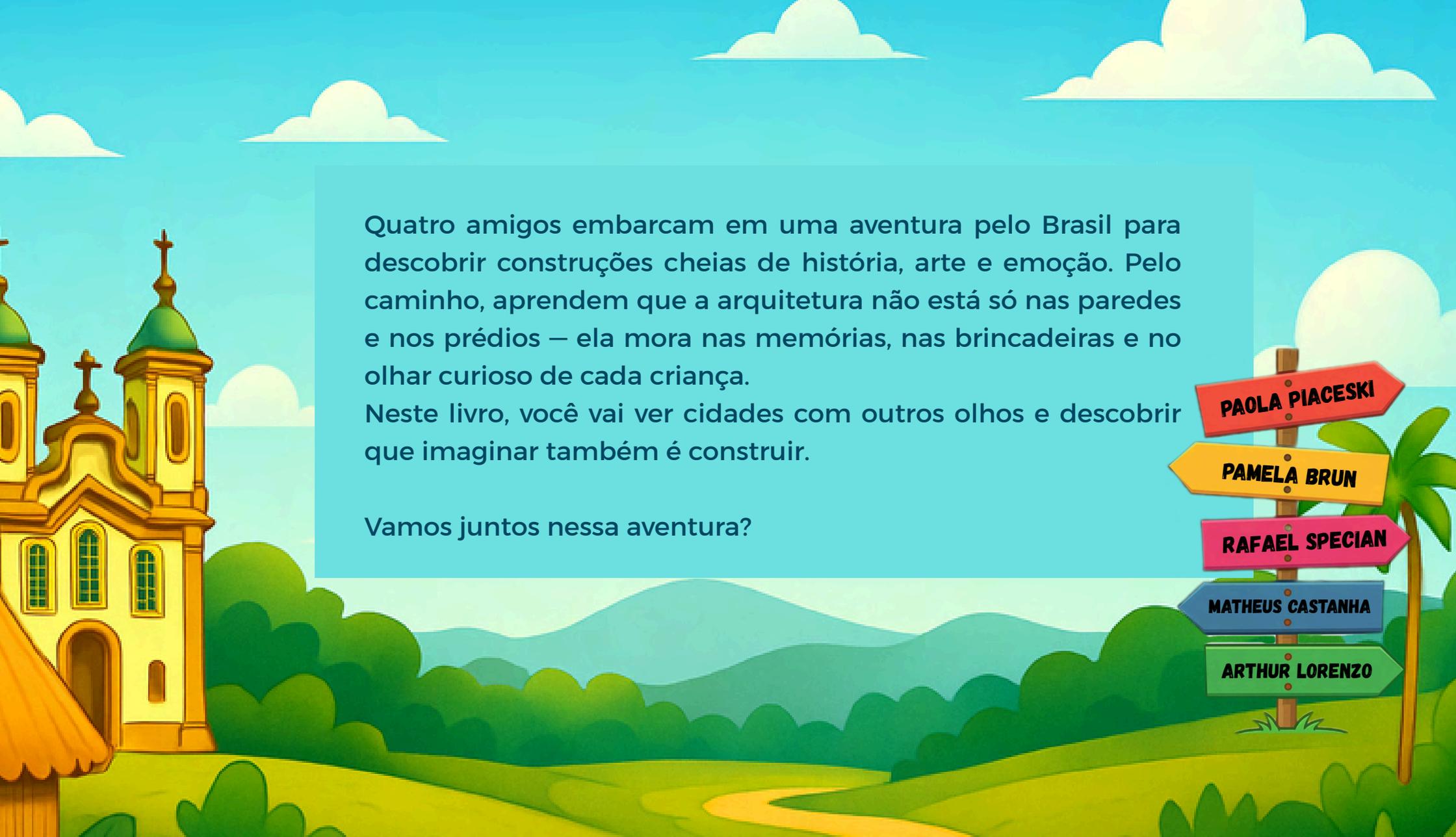


# A TURMINHA DA ARQUITETURA

UMA VIAGEM PELO BRASIL





Quatro amigos embarcam em uma aventura pelo Brasil para descobrir construções cheias de história, arte e emoção. Pelo caminho, aprendem que a arquitetura não está só nas paredes e nos prédios – ela mora nas memórias, nas brincadeiras e no olhar curioso de cada criança.

Neste livro, você vai ver cidades com outros olhos e descobrir que imaginar também é construir.

Vamos juntos nessa aventura?

**PAOLA PIACESKI**

**PAMELA BRUN**

**RAFAEL SPECIAN**

**MATHEUS CASTANHA**

**ARTHUR LORENZO**



# A TURMINHA DA ARQUITETURA

Uma Viagem pelo Brasil

PRODUÇÃO EDITORIAL

Clara L. Andrade

Tiago Bellini

DIAGRAMAÇÃO

Fernanda Solon

© Paola Piacessi, Pamela Brun, Rafael Specian, Matheus Castanha, Arthur  
Lorenzo 2025

CIP — Brasil. Catalogação-na-fonte  
Instituto Nacional de Bibliotecas Infantis

A Turminha da Arquitetura- Uma viagem pelo Brasil / Paola Piacessi, Pamela  
Brun, Rafael Specian, Matheus Castanha, Arthur Lorenzo. — 1. ed. —  
Cascavel:

Estrelinha Editora, 2025.

1ª edição 2025 revisada conforme Nova Ortografia da  
Língua Portuguesa / 2010.

Estrelinha Editora

Rua da Imaginação, 101 – Bairro Colorido – CEP 00000-000 – Cascavel – PR  
Telefone: (11) 99999-0000 – [www.estrelinhaeditora.com.br](http://www.estrelinhaeditora.com.br)

# SUMÁRIO

Brasil e condicionantes.....	01
Arquitetura indígena.....	03
Arquitetura da defesa.....	04
Arquitetura rural.....	05
Cidade colonial.....	06
Edificação das cidades coloniais.....	07
Arquitetura bandeirante.....	08
Arquitetura religiosa.....	09
Ciclo do ouro.....	10
Igreja Barroca.....	11
Igreja Rococó.....	12
Arquitetura Neoclássica.....	13
Arquitetura Eclética.....	14
Art Nouveau.....	15
Art Déco.....	16

Premissas da arquitetura Moderna.....	17
Transformação Decisiva.....	23
Escola Carioca.....	36
Escola Paulista.....	40
Arquitetura Moderna no Paraná.....	42
Arquitetura Social Moderna.....	47
Arquitetura Pós-Moderna.....	52
Arquitetura Contemporânea.....	55
Conclusão.....	59





# INTRODUÇÃO

Você já imaginou viajar pelo Brasil, conhecendo lugares incríveis e histórias fascinantes? Pois bem, você está convidado a se juntar à Turminha da Arquitetura nessa aventura incrível! Pamela, Paola, Matheus e Rafael são quatro amigos que amam arquitetura e história.

Eles decidiram se juntar para explorar o Brasil e contar a história da arquitetura brasileira.

Desde as casas indígenas até os enormes prédios modernos, a Turminha da Arquitetura vai levar você em uma viagem pelo tempo e pelo espaço. Você vai conhecer a arquitetura colonial, religiosa, Art Nouveau, Art Deco, moderna, pós-moderna e contemporânea.

Com a curiosidade e a energia da Turminha da Arquitetura, você vai descobrir que a arquitetura brasileira é uma verdadeira viagem pela história e pela cultura do nosso país.

Então, vamos começar essa aventura? A Turminha da Arquitetura está pronta para levá-lo em uma viagem incrível pelo Brasil!

PAOLA



PAMELA



MATHEUS



RAFAEL





## AS REGIÕES DO BRASIL

O Brasil é dividido em 5 regiões, cada delas tem características diferentes, como o clima, as plantas e as montanhas. As regiões também variam no número de habitantes e na qualidade de vida das pessoas. Estão preparado para conhecê-las? (MUNDO EDUCAÇÃO)

## NORTE

É a maior do Brasil, sendo muito grande em tamanho, mas tem poucas pessoas morando lá. Nela, está a maior floresta tropical do mundo, chamada Floresta Amazônica, que é o lar de diferentes tipos de plantas e animais. (MUNDO EDUCAÇÃO)

## NORDESTE

Tem a maior parte de praias do Brasil. O clima lá é muito quente, com pouca chuva. Isso faz com que as pessoas enfrentem muito calor e dificuldades com a falta de água. (MUNDO EDUCAÇÃO)

## CENTRO-OESTE

Tem diferentes tipos de plantas e animais. É conhecida por ter muita agricultura, ou seja, plantação de alimentos, e pecuária, que é a criação de animais. (MUNDO EDUCAÇÃO)

## SUDESTE

É a mais populosa do Brasil. Muitas pessoas vão para lá procurando trabalho e uma vida melhor. Essa região tem várias fábricas e indústrias. (MUNDO EDUCAÇÃO)

## SUL

A Região Sul é a menor do Brasil, pessoas de outros países, como os alemães e italianos, vieram para essa região para morar e ajudar a formar as cidades. (MUNDO EDUCAÇÃO)



# ARQUITETURA INDÍGENA



Olá, pequeno explorador! Eu sou a Paola! A nossa primeira viagem será para o início da arquitetura brasileira.

Você sabia que, há muito tempo, os indígenas já faziam casas super legais? Eles usavam coisas da natureza, como madeira, palha, barro e pedras. Essas casas tinham nomes diferentes: oca, maloca ou taba, dependendo da tribo.

As aldeias são como uma grande família, onde todo mundo vive junto, fala a mesma língua e cuida um do outro. Existem muitas famílias indígenas, como os Yanomami, Xavante e Guajajara.

Eles faziam as casas pensando em proteger bem todo mundo. Por isso, elas eram redondas ou ovais e tinham telhados que deixavam a chuva escorrer direitinho.

Legal, né? Vamos continuar descobrindo juntos!

# ARQUITETURA DE DEFESA

A próxima parada será na arquitetura colonial e de defesa! Eu sou o Rafa, e vamos viajar no tempo até o século XVII, quando o Brasil era uma colônia portuguesa.

Imagine que você está em uma cidade chamada Salvador, que era a capital do Brasil naquela época. Era um lugar muito importante, com muitas pessoas vivendo e trabalhando lá. Mas, havia um problema! Outros países, como a Holanda, queriam conquistar o Brasil e roubar suas riquezas. Por isso, os portugueses precisavam construir fortalezas para proteger suas cidades e territórios (IPHAN).

Abaixo, vamos conhecer as características de uma dessas fortalezas, o Forte de São Marcelo! Ele foi construído entre 1608 e 1623 e era uma importante estrutura de defesa contra os ataques dos holandeses e outros invasores (IPHAN).

LOCALIZADO EM  
ILHA PEQUENA



# ARQUITETURA RURAL

Muito prazer! Ainda não fomos apresentados, eu sou a Pamela, da Turminha da Arquitetura! Estou muito animada para compartilhar com vocês uma das minhas histórias favoritas: **Arquitetura Rural!**

Antigamente, no Brasil, havia lugares chamados engenhos, que eram como grandes fazendas onde as pessoas plantavam cana-de-açúcar e faziam açúcar (MONTEZUMA, 2002).

Neles havia quatro construções importantes: a moita, onde o açúcar era feito; a senzala, onde os escravizados eram obrigados a viver; a casa-grande, onde morava o dono do engenho; e a capela, onde as pessoas iam rezar (MONTEZUMA, 2002).

Para construir esses lugares, as pessoas usavam materiais como madeira, tijolo e pedra. Eles também utilizavam uma técnica chamada pau-a-pique, onde usavam madeira para criar a estrutura da casa e depois enchiam os espaços com barro (MONTEZUMA, 2002).



# CIDADE COLONIAL



Olá, amigos! Sou Matheus, e hoje vou mostrar como era organizado a cidade colonial!

Vamos começar pelo centro da cidade. Aqui, encontramos a Praça Central, um grande espaço aberto, onde as pessoas se reuniam para conversar e socializar. Perto dali, está a Igreja, uma grande construção com uma torre alta, onde as pessoas iam para rezar e participar de cerimônias. Ao lado, encontramos a Casa de Câmara e Cadeira, um prédio com uma fachada ornamentada, onde os líderes da cidade se reuniam para discutir e tomar decisões importantes (MONTEZUMA, 2002).

As casas eram simples e coloridas, podendo ser térrea ou sobrado, lá era onde as pessoas viviam com suas famílias. E, infelizmente, também havia o Pelourinho, um local público onde os crimes eram punidos, marcado por uma coluna alta (MONTEZUMA, 2002).



# EDIFICAÇÕES DA CIDADE COLONIAL



CHAFARIZ DA PRAÇA GETÚLIO

Ainda sobre cidade colonial, não podemos esquecer de um elemento importante na cidade: **OS CHAFARIZES!**

Como não havia água canalizada nas casas, os escravos eram responsáveis por buscar água nos chafarizes, o que os tornava pontos de encontro e troca de informações. Além disso, os chafarizes eram construídos em áreas estratégicas das vilas e cidades, tornando-os locais de grande utilidade pública (PREFEITURA DE PITANGUI).

São exemplos os chafarizes da Praça Getúlio e São José.



CHAFARIZ DE SÃO JOSÉ





# ARQUITETURA BADEIRANTE



Arruma as suas malas, aperta o cinto e se prepara! Hoje você vai voar junto comigo para conhecermos mais uma arquitetura! Preparados?

Você sabia que há um estilo de casa muito especial chamado "arquitetura bandeirante"? Essas casas foram construídas há muito tempo, ainda quando os portugueses vieram para o Brasil.

Essas casas eram feitas com uma técnica chamada "taipa de pilão". Era como fazer um bolo de terra! Misturavam terra, água e outros materiais, e depois compactavam tudo para fazer as paredes.

As casas bandeirantes tinham uma sala grande no meio, e os quartos ao redor. Não havia corredores, e as janelas eram pequenas. Isso ajudava a manter a casa segura.

A frente da casa tinha um alpendre, que é como uma varanda coberta, que protegia a entrada da casa. E havia colunas de madeira chamadas "cachorros" que sustentavam o telhado. Esses cachorros eram decorados com desenhos simples e faziam com que as casas bandeirantes fossem muito bonitas e especiais!

# ARQUITETURA RELIGIOSA

Agora, a parada seguinte será com todos os integrantes da Turminha da Arquitetura! Vamos conhecer mais sobre a arquitetura religiosa. Vem, que vamos te contar essa história!

No tempo dos nossos avós e bisavós, quando os portugueses chegaram ao Brasil, eles construíram muitas igrejas e conventos. Esses lugares eram importantes para a religião católica e também para a comunidade.

Eram construídos com diferentes estilos, como o barroco, o rococó e o neoclássico. Isso significa que eles tinham decorações e formas diferentes.

Os portugueses queriam que esses espaços fossem bonitos e impressionantes. Eles usavam materiais como pedra, madeira e tijolo para construí-los.

Além disso, as igrejas não eram apenas lugares para rezar. Eles também eram centros de comunidade, onde as pessoas se reuniam para celebrar e se ajudar.

Hoje em dia, muitas dessas igrejas e conventos ainda existem e são muito importantes para a história e a cultura do Brasil.



# CICLO DO OURO

Teve uma época em que o Brasil brilhou de verdade! Foi quando as pessoas começaram a encontrar muito ouro debaixo da terra. Esse tempo ficou conhecido como o Ciclo do Ouro.

Isso aconteceu há muitos anos, no século XVIII, em lugares como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Tinha tanto ouro que o Brasil virou o maior produtor do mundo!



Gente de todo lado – especialmente de Portugal – veio para cá em busca de riqueza. As cidades cresceram rapidinho, cheias de casas, igrejas e mercados!

As pessoas usavam mapas antigos, como o Mapa da Rota, para saber como chegar de uma cidade a outra. Era como um GPS de antigamente!



O Ciclo do Ouro mudou o Brasil: ajudou o país a se desenvolver e, no futuro, até contribuiu para que o Brasil se tornasse independente.

E assim, num tempo dourado e cheio de descobertas, o Brasil começou a brilhar no mundo.



## IGREJA BARROCA

Era uma vez um tempo em que chegaram ao Brasil ideias diferentes vindas da Europa. Entre elas, um estilo bem enfeitado chamado Barroco.

O Barroco gostava de encantar os olhos com muita arte! As construções pareciam obras de um conto mágico — cheias de esculturas, arcos, formas arredondadas e brilhos dourados. E tudo era feito com o que existia por aqui: pedra, madeira e tijolo.

A Igreja Católica adorava esse estilo e ajudou a espalhá-lo por todo o Brasil. Foi assim que nasceu a Capela Dourada em Recife! Essa capela parecia feita para reis! Tinha o formato de uma cruz, com uma fachada cheia de enfeites esculpidos como se fossem moldados por fadas.

Um homem muito talentoso chamado Capitão Antônio ajudou a construir essa maravilha. Mas ele não fez tudo sozinho! Artistas, fazendeiros e nobres também deram uma mãozinha (ou uma moedinha!) para deixar a capela pronta e deslumbrante. (UNIT)

E assim, o Barroco deixou sua marca encantada na história do Brasil — com igrejas que mais parecem castelos feitos de ouro e arte.

# IGREJA ROCOCÓ

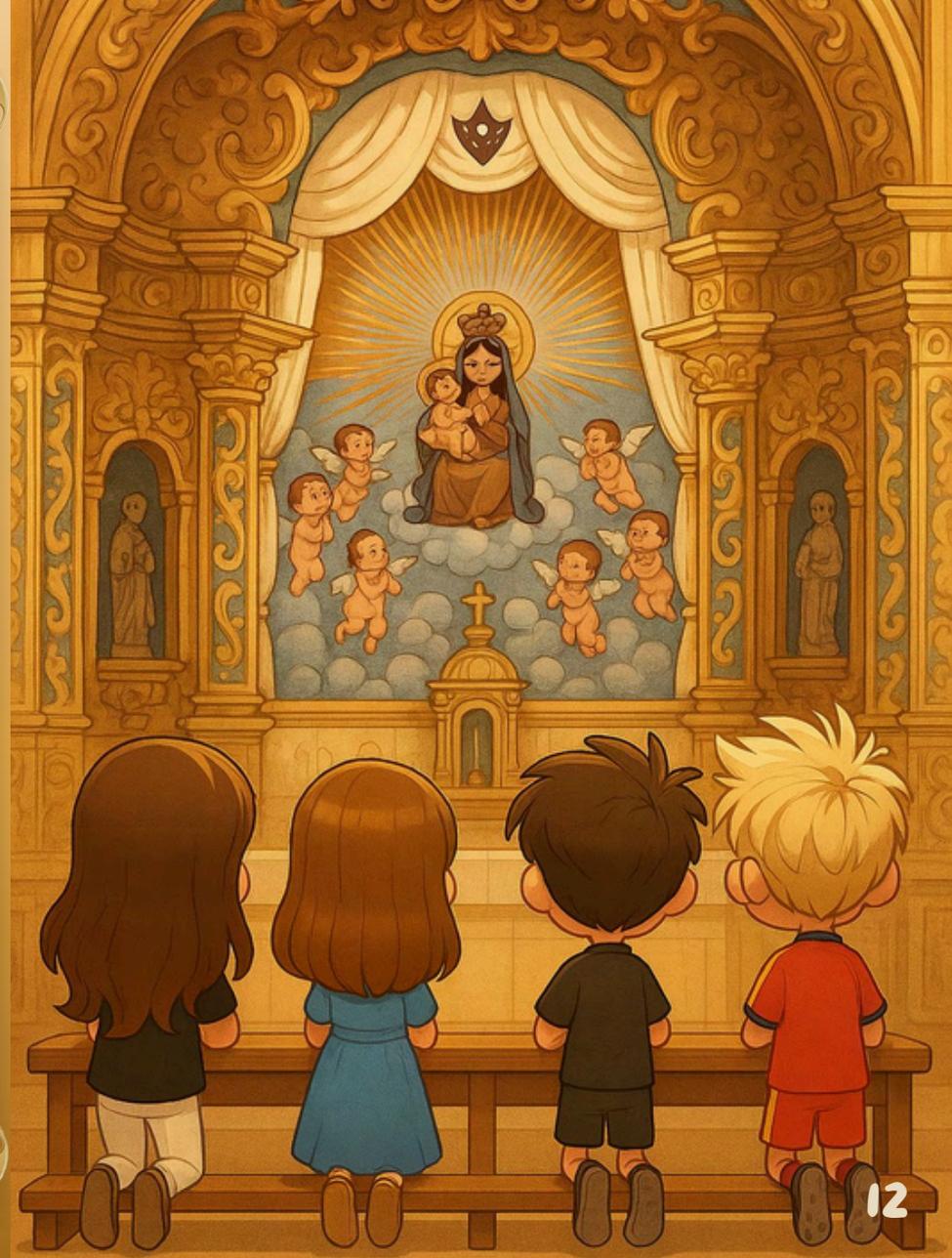
Sshh... Estamos dentro de uma igreja rococó!

Estamos no interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Recife. Vamos falar baixinho, porque esse é um lugar sagrado e muito especial!

Há muitos anos, chegou ao Brasil um estilo de construir chamado rococó. Ele era alegre, delicado e cheio de curvas, com enfeites que pareciam ter saído de um jardim: flores, folhas e arabescos.

A Igreja do Carmo é um exemplo lindo desse estilo. Ela tem forma de cruz, e por dentro brilha com azulejos coloridos, esculturas e molduras que encantam os olhos. Ninguém sabe exatamente quem construiu essa igreja tão especial, mas sabemos que ela só foi possível graças ao apoio de Diogo Cavalcanti de Vasconcelos, uma pessoa muito importante daquela época. (WEBNODE)

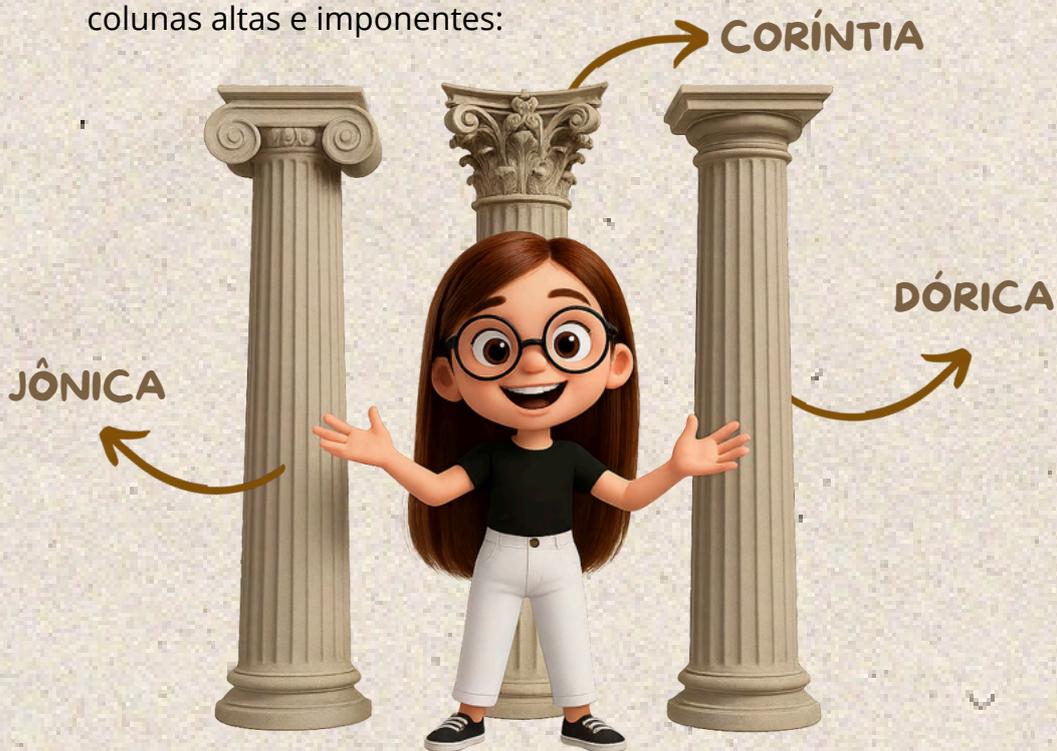
E assim, ajoelhados aqui nesse banco, podemos imaginar a beleza da arte e da fé que enfeitam essa história. Mais uma parada encantadora na nossa aventura pela arquitetura brasileira!



# ARQUITETURA NEOCLÁSSICA

Era uma vez um novo jeito de construir casas, palácios e teatros. Esse estilo se chamava Neoclássico e veio de navio, junto com a família real portuguesa, que chegou ao Brasil procurando luxo e elegância (MONTEZUMA, 2002).

Eles queriam que tudo fosse bonito, simétrico e organizado. Nada de enfeites demais! As construções neoclássicas tinham colunas altas e imponentes:



Mas aqui no Brasil, os construtores não sabiam usar esse novo estilo. Então, chegaram ajudantes da França — uma turma chamada Missão Artística — que ensinou como fazer tudo com cuidado e razão (MONTEZUMA, 2002).

O Rio de Janeiro começou a mudar. O prefeito Pereira Passos mandou derrubar as casas velhas para construir prédios chiques. Mas isso fez muitas pessoas perderem seus lares e irem morar nos morros, onde nasceram as favelas (MONTEZUMA, 2002).



E assim, o Neoclássico virou parte da nossa história — com construções que até hoje parecem contar segredos de um tempo cheio de mudanças e sonhos elegantes.

# ARQUITETURA ECLÉTICA

Há algum tempo atrás, surgiu um jeito de construir casas e prédios que adorava misturar tudo! Esse estilo se chamava Eclético. (ARCHIDAILY)

Os arquitetos que usavam o estilo eclético pegavam um pedacinho de cada estilo antigo: colunas da Grécia, janelas da Idade Média, enfeites do Barroco... tudo junto na mesma construção! (ARCHIDAILY)

Eles faziam isso porque estavam vivendo num tempo de mudanças: as cidades estavam crescendo, novos materiais como ferro e vidro estavam chegando, e as pessoas queriam prédios bonitos e modernos. (ARCHIDAILY)

Os arquitetos se inspiravam em construções antigas, mas criavam algo novo e diferente. Era como brincar de montar com peças de vários brinquedos diferentes! (ARCHIDAILY)

No Brasil, nasceram prédios famosos com esse estilo, como o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a Estação da Luz e a Pinacoteca de São Paulo. (ARCHIDAILY)

Algumas pessoas achavam essa mistura estranha, mas outras viam como uma forma de mostrar criatividade e imaginação. (ARCHIDAILY)



# ART NOUVEAU

Após explorarem a arquitetura eclética, os amigos chegaram ao centro do Rio. Entre prédios modernos, um local se destacou: a Confeitaria Colombo, com seus espelhos, vitrais e colunas douradas — um ícone da Art Nouveau.

Sentaram-se numa mesa redonda e pediram café com leite e fatias de torta. Enquanto comiam, Pamela observava encantada os detalhes ao redor. Rafael ficou impressionado com os enormes espelhos nas paredes e as janelas decoradas com formas que lembravam folhas e flores. Matheus reconheceu ali as marcas do Art Nouveau: um estilo que valoriza formas naturais e que busca criar elegância e leveza, com linhas que parecem dançar pelo espaço



# ART DÉCO

Encerrada a imersão na leveza e nos contornos inspirados na natureza do Art Nouveau, os amigos seguiram viagem até o centro do Brasil, chegando à cidade de Goiânia. Lá, encontraram uma arquitetura bem diferente: marcada por linhas retas, formas geométricas e um estilo mais moderno e robusto — o Art Déco (MENDES, VERÍSSIMO, BITTAR, 2015).

Na Praça do Trabalhador, os edifícios exibiam fachadas com triângulos, listras e torres simples, refletindo o desejo de progresso e inovação das décadas de 1920 e 1930. Diferente do estilo anterior, mais fluido e natural, o Art Déco expressava firmeza, velocidade e a influência da tecnologia (MENDES, VERÍSSIMO, BITTAR, 2015).

Goiânia, planejada com esse estilo desde sua fundação, revelou-se um verdadeiro exemplo desse momento histórico. Ali, entre palmeiras e construções simétricas, os viajantes perceberam como a arquitetura acompanha as mudanças do mundo e guarda, em cada linha, a memória do tempo e das pessoas que a criaram (MENDES, VERÍSSIMO, BITTAR, 2015).



# PREMISSAS DA ARQUITETURA MODERNA

Após vivenciarem de perto as formas sólidas do Art Déco em Goiânia, os amigos se reuniram em roda no meio da praça, relembando os detalhes que mais chamaram atenção.

- Cada estilo tem seu jeito próprio de contar uma época... — disse Paola, pensativa.
- Mas ainda falta uma parte muito importante dessa história! — lembrou Matheus, mexendo na mochila e puxando um jornal de dentro.
- Semana de Arte Moderna? — leu Pamela em voz alta.
- Foi em 1922, no Theatro Municipal de São Paulo — explicou Matheus. — Artistas de vários tipos se reuniram para apresentar ideias novas. Eles queriam uma arte diferente, com mais liberdade e bem brasileira (BRUAND, 2010).





— E isso influenciou a arquitetura? — perguntou Rafael, seguindo caminho

— Muito! — respondeu Matheus. — A Semana fez todo mundo pensar diferente: na pintura, na música, na poesia... e na forma de construir também (BRUAND, 2010).

— Então foi aí que surgiu a vontade de fazer casas mais simples e modernas? — disse Paola. (BRUAND, 2010).

— Isso mesmo — disse Pamela. — Era o começo da arquitetura moderna no Brasil (BRUAND, 2010).



Os amigos se entreolharam, animados.

— Acho que estamos prontos pra conhecer a primeira casa modernista do país! — disse Matheus, com energia.

E lá foram eles, cheios de curiosidade, prontos para descobrir a próxima etapa dessa viagem pela história da arquitetura.

# PREMISSAS DA ARQUITETURA MODERNA

An illustration of a street in São Paulo. On the left, there are traditional houses with tiled roofs, arched windows, and decorative facades. On the right, a modern house with a flat roof, large windows, and a prominent overhang stands out. A tall cactus is in the foreground on the right. The sky is blue with light clouds.

Depois de aprenderem sobre a Semana de Arte Moderna, os amigos ficaram curiosos para ver como a arquitetura havia mudado. Caminhavam por um bairro antigo de São Paulo, entre casas cheias de enfeites e janelas detalhadas, quando algo diferente chamou a atenção de deles.

Era uma casa sem telhado aparente, com linhas retas, janelas amplas e paredes lisas. Bem diferente de tudo ao redor.



— Ué... cadê os enfeites? — perguntou Matheus.

— Parece moderna... — disse Pamela, curiosa.

De repente, Puf! Apareceu um senhor elegante, de terno escuro e sorriso simpático.



—Olá! Sou Gregory Warchavchik, e essa é a primeira casa moderna do Brasil, construída em 1927!



— Mas por que sem telhado? Nem um detalhe? — quis saber Matheus

— Porque essa casa queria mostrar um novo jeito de construir: simples, funcional, com luz natural e sem enfeites que não fossem necessários — explicou Gregory. — Era o começo de uma arquitetura mais moderna e com a cara do Brasil (BRUAND, 2010).



Essa casa abriu caminho para uma nova forma de pensar a arquitetura no país, complementou Gregory. Os amigos olharam a casa com mais atenção (BRUAND, 2010).

— Simples, mas cheia de história — disse Rafael, sorrindo.



# TRANSFORMAÇÃO DECISIVA- ESCOLA BELAS ARTES

Enquanto observavam a casa moderna, os amigos começaram a imaginar como aquelas ideias tinham mudado outros lugares. De repente, a paisagem ao redor se transformou, revelando um prédio grande e elegante: a Escola Nacional de Belas Artes (BRUAND, 2010).

Lá dentro, artistas estudavam do jeito antigo, copiando modelos clássicos, com muitas regras. Mas o clima estava mudando. Professores e alunos começavam a buscar algo novo: queriam criar uma arte mais livre, com cores do Brasil, com temas do nosso povo (BRUAND, 2010).

A escola, então, passou por uma verdadeira reforma — não só nas paredes, mas nas ideias. A arte ganhou mais liberdade, mais expressão. As salas antes rígidas agora exibiam obras ousadas, diferentes, modernas. A Turminha da Arquitetura resolveu entrar para conhecer mais a fundo a história (BRUAND, 2010).

Em seguida, uma figura suave apareceu diante deles: era Anita Malfatti, artista da Semana de Arte Moderna. Ela explicou que a mudança foi essencial para o crescimento da arte brasileira com identidade. Os amigos entenderam que, como casas e cidades, escolas também mudam — e essas mudanças internas ajudam a transformar o mundo (BRUAND, 2010).



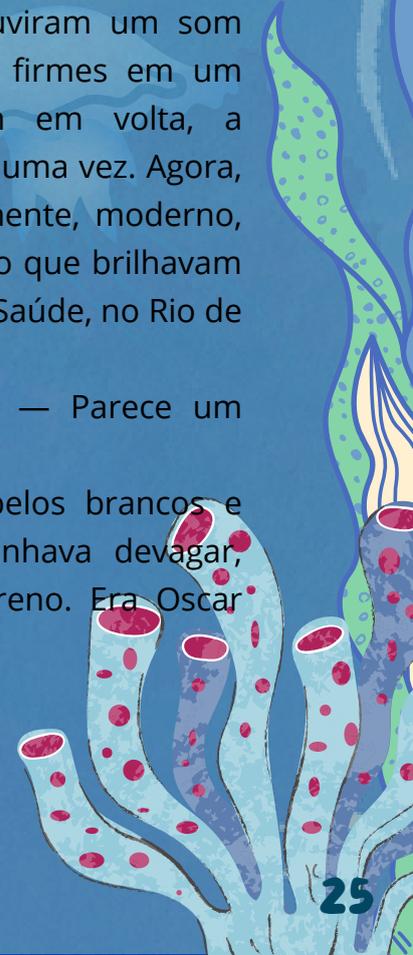
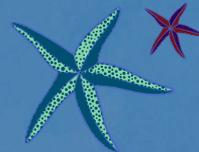
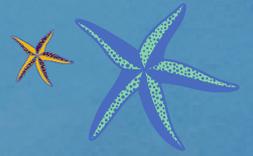
# TRANSFORMAÇÃO DECISIVA- MES



Enquanto ainda refletiam sobre as mudanças na Escola de Belas Artes, os amigos ouviram um som diferente — como o eco de passos firmes em um corredor imenso. Quando olharam em volta, a paisagem havia se transformado mais uma vez. Agora, estavam diante de um edifício imponente, moderno, cheio de linhas retas e janelas de vidro que brilhavam ao sol: era o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro (BRUAND, 2010).

— Uau! — disse Rafael, encantado. — Parece um prédio do futuro!

Nesse momento, um senhor de cabelos brancos e olhar tranquilo se aproximou. Caminhava devagar, com as mãos para trás e um ar sereno. Era Oscar Niemeyer (BRUAND, 2010).



— Na verdade, esse prédio já tem muitas décadas — disse ele, sorrindo. — Mas quando o projetamos, queríamos que ele olhasse para frente. Que fosse o retrato de um Brasil moderno, aberto, criativo (BRUAND, 2010).

— Você que desenhou tudo isso? — perguntou Pamela, surpresa.

— Sim — respondeu Niemeyer, com humildade. — Mas eu não fiz isso sozinho. Trabalhei com Lúcio Costa, Cândido Portinari, Burle Marx... Grandes nomes que acreditavam que a arquitetura e a arte podiam transformar o país (BRUAND, 2010).



An illustration of four children in a modern building interior. On the left, a girl with long brown hair and glasses, wearing a black t-shirt and white pants, is walking down a set of stairs. Next to her is a boy with spiky blonde hair, wearing a red soccer jersey with a crest and yellow accents, and grey shorts. To his right is another boy with brown hair, wearing a black polo shirt and dark pants. On the far right, a girl with long brown hair, wearing a blue top and a light blue skirt, is walking up the stairs. The background features large wooden columns, a stone sculpture on a pedestal, and a curved wooden railing. The lighting is warm and golden.

Ele os convidou a entrar. Lá dentro, os amigos viram os murais vibrantes de Portinari, cheios de movimento, trabalhadores, cores e histórias do povo brasileiro. As colunas erguiam o prédio como pernas finas, e o espaço parecia respirar (BRUAND, 2010).

— Cada detalhe aqui foi pensado para unir beleza e função — explicou Niemeyer. — Queríamos um lugar onde a educação, a saúde e a arte pudessem caminhar juntas. Onde o Brasil pudesse se reconhecer — e se orgulhar (BRUAND, 2010).



Paola olhava em volta, maravilhada:

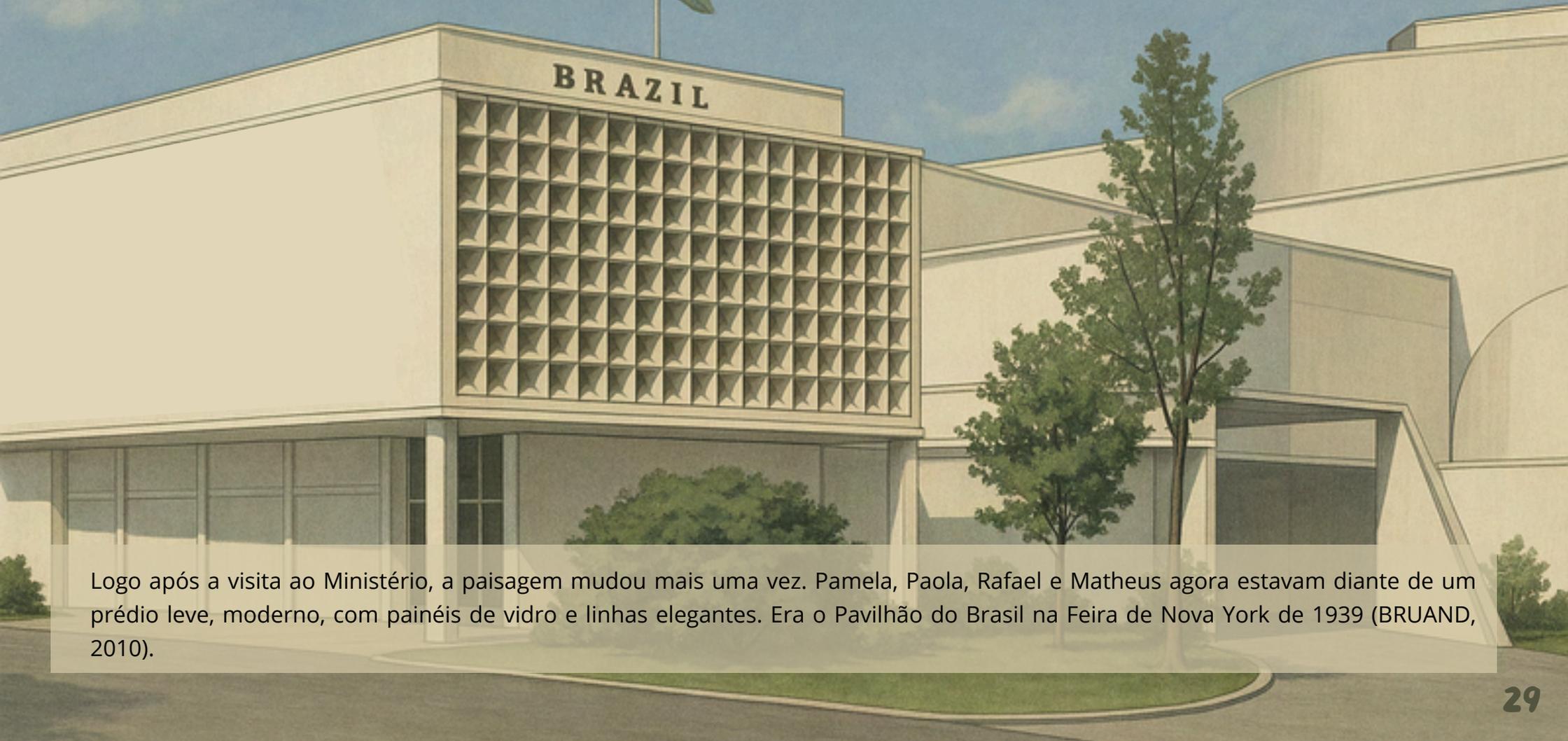
— Esse prédio parece conversar com a cidade...

— Exato — disse Niemeyer. — Arquitetura não é só concreto. É emoção, é ideia. É fazer o mundo melhor para as pessoas (BRUAND, 2010).

Os amigos se entreolharam, impressionados. Entendiam, mais uma vez, que os prédios e as cidades também contam histórias. Histórias de mudança, de sonho e de esperança (BRUAND, 2010).

E ali, diante daquele edifício cheio de significado, aprenderam que imaginar o futuro também é uma forma de construir (BRUAND, 2010).

# TRANSFORMAÇÃO DECISIVA- PAVILHÃO



Logo após a visita ao Ministério, a paisagem mudou mais uma vez. Pamela, Paola, Rafael e Matheus agora estavam diante de um prédio leve, moderno, com painéis de vidro e linhas elegantes. Era o Pavilhão do Brasil na Feira de Nova York de 1939 (BRUAND, 2010).



## NEW YORK City

— Onde estamos agora? — perguntou Rafael.

— Em Nova York! — respondeu Paola. — Esse é o pavilhão que mostrou ao mundo um Brasil moderno.

De repente, um homem apareceu, sorridente e sereno.

— Sou Lúcio Costa — disse ele. — Eu e Oscar Niemeyer projetamos este pavilhão para representar um Brasil criativo, ousado, pronto para o futuro (BRUAND, 2010).

Os amigos entraram no prédio e viram arte, fotografias, móveis e jardins que mostravam a beleza do Brasil (BRUAND, 2010).

— Foi aqui que o mundo começou a ver nossa arquitetura com outros olhos — explicou Lúcio. — Não éramos só natureza e carnaval. Também tínhamos ideias fortes e identidade (BRUAND, 2010).

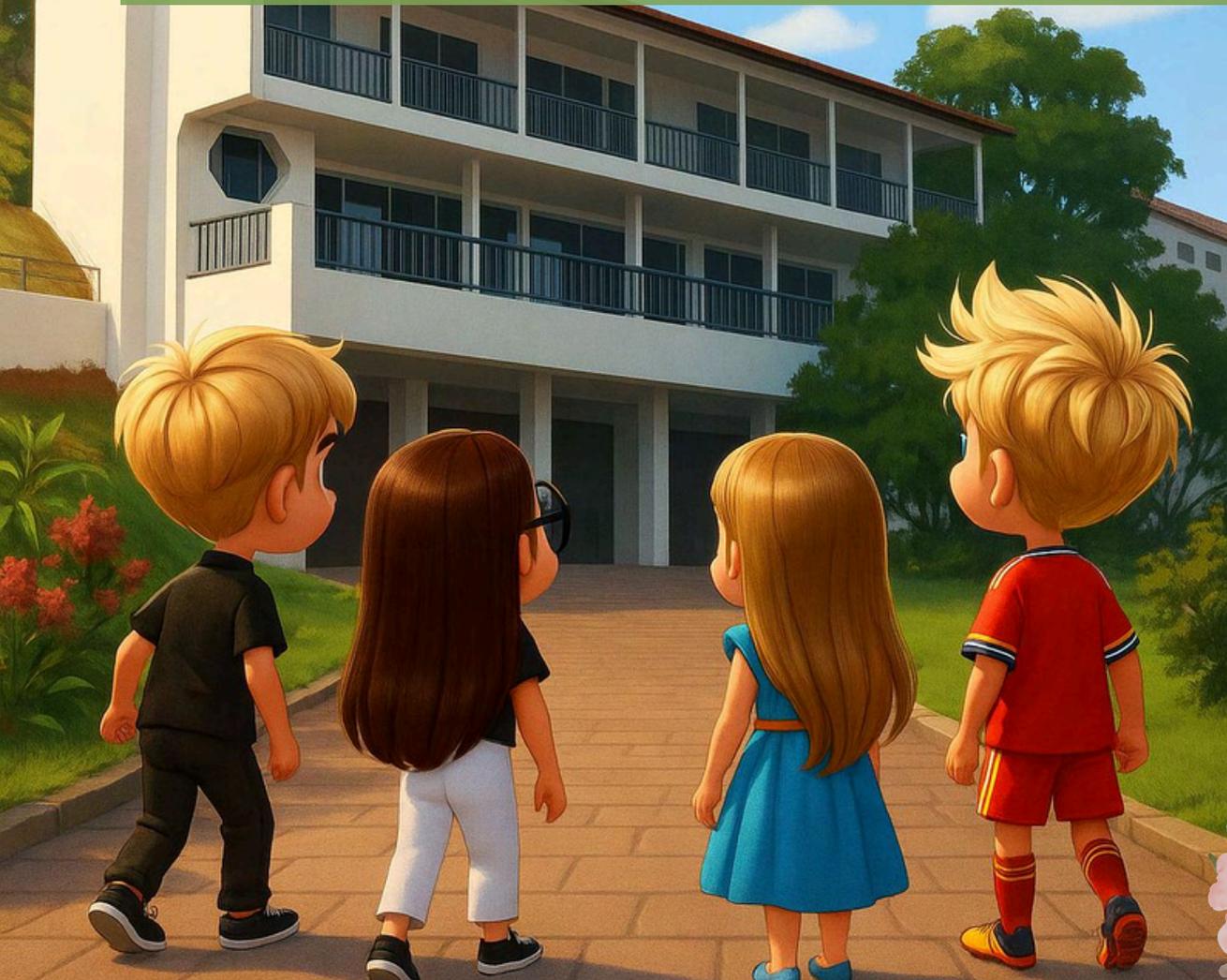
— É como se o prédio falasse — disse Matheus.

— E falava mesmo — respondeu Lúcio, sorrindo. — Contava quem nós éramos — e quem poderíamos ser (BRUAND, 2010).

Com os olhos cheios de admiração, os amigos seguiram em frente, prontos para o próximo capítulo de sua viagem pelo tempo e pela arte.



# TRANSFORMAÇÃO DECISIVA HOTEL OURO PRETO



Assim que deixaram Nova York para trás, os amigos sentiram o vento mudar. Agora estavam em Minas Gerais, em meio às montanhas e ruas de pedra de Ouro Preto.

Entre as construções antigas da cidade, um prédio diferente chamou atenção: moderno, com linhas suaves, mas em perfeita harmonia com o entorno (BRUAND, 2010).

— Olha aquele hotel! — falou Rafael. — É moderno, mas parece que sempre fez parte da cidade (BRUAND, 2010).

Era o Grande Hotel de Ouro Preto, um marco da arquitetura moderna no Brasil e o primeiro projeto construído de Oscar Niemeyer (BRUAND, 2010).



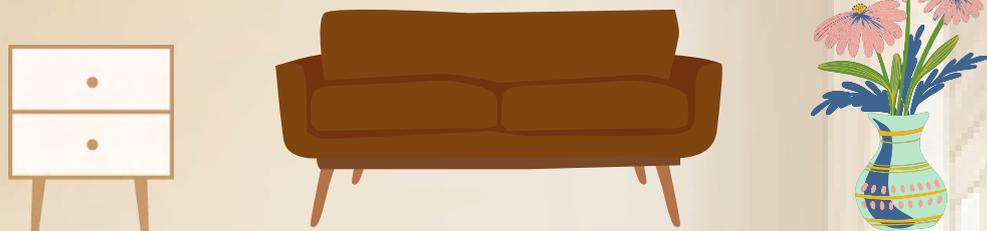
Enquanto exploravam o interior, notaram como tudo era simples, bonito e bem pensado. As janelas emolduravam a paisagem, os espaços eram confortáveis e cheios de luz natural (BRUAND, 2010).

— É incrível como ele respeita o estilo da cidade — comentou Paola (BRUAND, 2010).

— A arquitetura moderna também pode dialogar com o passado — completou Matheus (BRUAND, 2010).

Os amigos saíram do hotel encantados. Aprenderam que ser moderno não é esquecer a história — é saber construir com cuidado, equilíbrio e imaginação (BRUAND, 2010).

E mais uma vez, seguiram viagem, prontos para descobrir o próximo capítulo da arte e da arquitetura brasileira (BRUAND, 2010).



## TRANSFORMAÇÃO DECISIVA PAMPULHA



Enquanto caminhavam e conversavam sobre tudo o que tinham visto, os amigos ouviram um som estranho. Desconfiados eles seguiram o barulho, e logo se depararam com uma vista inacreditável.

— Olhem isso! — exclamou Pamela. — Parece um lugar saído de um desenho!  
— É a Pampulha, em Belo Horizonte — disse Paola. — Um marco da arquitetura moderna brasileira (BRUAND, 2010).  
Ali, o grupo explorou cada espaço com curiosidade.



A Igreja de São Francisco de Assis, com seus arcos e azulejos azuis, parecia uma obra de arte. O antigo cassino, agora um museu, impressionava com suas formas ousadas. E a Casa do Baile, perto da água, parecia dançar com as ondas da lagoa (BRUAND, 2010).

— Tudo aqui é diferente, mas combina perfeitamente — comentou Rafael.

— Parece que a arquitetura virou paisagem — acrescentou Matheus.

Eles aprenderam que o conjunto foi criado para ser um espaço de lazer e cultura, onde arte, natureza e cidade se misturam. Cada detalhe foi pensado para encantar, acolher e representar o jeito brasileiro de viver e criar (BRUAND, 2010).

Com o sol refletindo na água e o vento leve entre as árvores, os amigos perceberam que a Pampulha não era só um lugar — era uma ideia viva, onde o moderno e o poético caminhavam lado a lado (BRUAND, 2010).





## ESCOLA CARIOCA

Com o sol refletindo na água e o vento leve entre as árvores, os amigos perceberam que a Pampulha não era só um lugar — era uma ideia viva, onde o moderno e o poético caminhavam lado a lado.

Inspirados por essa descoberta, quiseram ir além. Se Niemeyer ajudou a criar essa maravilha em Minas, o que mais o modernismo brasileiro tinha revelado em outras regiões?

Foi assim que decidiram voltar para o Rio de Janeiro, onde o movimento moderno ganhara outra expressão — leve, aberta, integrada à natureza. Estavam prestes a conhecer a arquitetura da Escola Carioca, um grupo de arquitetos que transformou o modo de construir no Brasil tropical (BRUAND, 2010).



FACHADA LIVRE

INTEGRAÇÃO COM A NATUREZA  
CLIMA TROPICAL

PILOTIS

Logo ao chegar, perceberam prédios leves, elevados do chão, com grandes painéis de vidro e jardins integrados...Eles descobriram que essa “escola” não era um prédio, mas sim uma forma de pensar: um grupo de arquitetos que criou um jeito brasileiro de fazer arquitetura moderna, com uso de pilotis, fachadas livres, plantas abertas, integração com a natureza e cuidado com o clima tropical (BRUAND, 2010).



Entre os principais nomes estavam Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy e Carlos Leão (BRUAND, 2010).

— Que lugar é esse? — perguntou Rafael.  
— Deve ser inspirado na Escola Carioca, um estilo que marcou a arquitetura moderna do Rio — respondeu Paola (BRUAND, 2010).





— Tudo parece tão claro e arejado... — comentou Pamela.

— É feito para o nosso clima, com sombra e brisa — explicou Matheus (BRUAND, 2010).

Entraram então na parte inferior do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projetado por Affonso Eduardo Reidy. O prédio parecia flutuar sobre o chão, com grandes janelas que deixavam a luz entrar e uma conexão direta com o jardim de Burle Marx (BRUAND, 2010).

— É moderno, mas acolhedor — disse Paola, admirando a vista para a Baía de Guanabara (BRUAND, 2010).

Ali, os amigos entenderam: a Escola Carioca criou uma arquitetura moderna com alma brasileira, respeitando o lugar, o clima e as pessoas. Era o Brasil reinterpretando o moderno, não com rigidez, mas com leveza, poesia e sensibilidade (BRUAND, 2010).



# ESCOLA PAULISTA



Depois de vivenciarem a leveza da arquitetura carioca, os amigos seguiram viagem.

— E agora? — perguntou Matheus.

— São Paulo! — disse Paola. — Lá, o modernismo ganhou outra forma: mais forte, mais urbana.

Na cidade, tudo parecia diferente — céu cinza, prédios altos, ritmo apressado. Mas no meio do concreto, encontraram o MASP, projetado por Lina Bo Bardi (BRUAND, 2010).



— Ele parece flutuar! — exclamou Pamela, olhando o enorme vão livre sob o edifício, sustentado por dois grandes pilares vermelhos (BRUAND, 2010).

Debaixo do prédio, pessoas passavam, conversavam, descansavam. O museu não era só um lugar para arte — era um espaço para a cidade (BRUAND, 2010).

— Aqui o concreto não esconde nada. Ele mostra como foi feito, com sinceridade — disse Matheus (BRUAND, 2010).

— Isso é a Escola Paulista — explicou Paola. — Uma arquitetura forte, sem enfeites, mas cheia de ideias. Feita para a cidade, para todos (BRUAND, 2010).

Então, Pamela lembrou do Rio:

— Lá, tudo era leve e arejado. Aqui, é forte e direto.

— É verdade — disse Matheus. — A Escola Carioca queria leveza e integração com a natureza tropical. Já a Escola Paulista usava o concreto como ferramenta para transformar a cidade, com coragem e verdade (BRUAND, 2010).

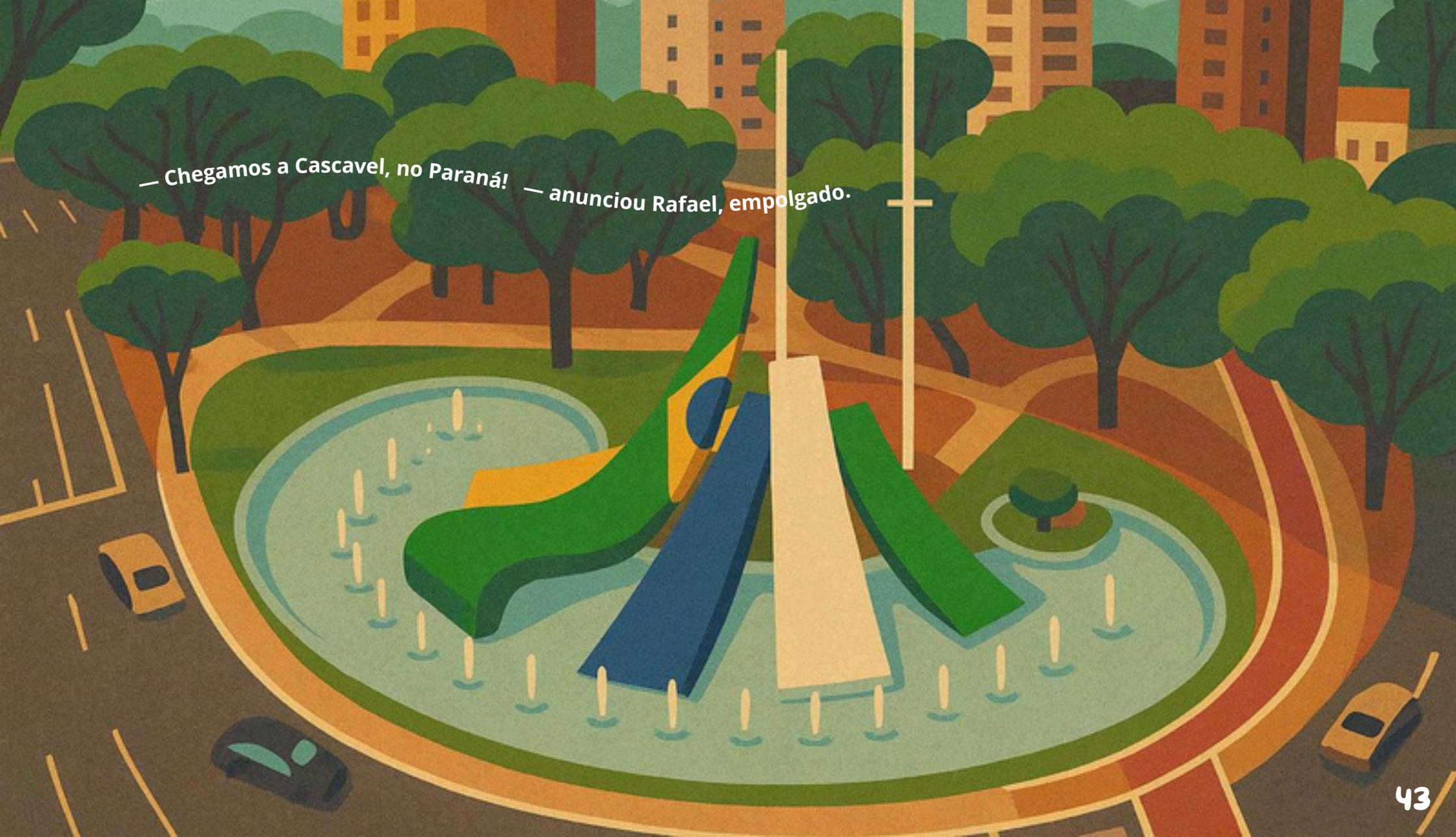
E assim os amigos entenderam que o modernismo brasileiro não foi um só. No Rio, leveza e paisagem. Em São Paulo, estrutura e força. Duas formas diferentes de olhar o Brasil — e de sonhar com um futuro melhor (BRUAND, 2010).





## ARQUITETURA NO PARANÁ

Depois de conhecerem a força da arquitetura paulista, os amigos seguiram viagem rumo ao sul do Brasil. No caminho, o clima ficou mais fresquinho, os pinheiros começaram a aparecer e a arquitetura... bem diferente!

An illustration of a park fountain. The fountain is a large, circular basin of water with several small, white, vertical jets spraying upwards. In the center of the fountain is a large, abstract sculpture made of several flat, colored panels: a green one on the left, a blue one in the middle, and a white one on the right. A tall, thin, white pole stands behind the sculpture. The fountain is surrounded by a paved walkway and a dense line of green trees. In the background, there are several tall, brown buildings. The scene is viewed from an elevated perspective.

— Chegamos a Cascavel, no Paraná! — anunciou Rafael, empolgado.

# ARQUITETURA NO PARANÁ



Eles logo chegaram à Residência Scanagatta, uma casa enorme e cheia de surpresas.

— Uau, olha esses pilares diferentes! É a cara do modernismo! — disse Paola.

— E esse jardim? Parece uma floresta de verdade! — completou Matheus.



RESIDÊNCIA SCANAGATTA

A casa ficava num terreno grande, no encontro de duas ruas, e parecia brotar do chão como uma escultura gigante.

— O arquiteto Nilson Gomes Vieira pensou em cada detalhe — comentou Rafael.

— Ele deixou a frente afastada da rua, com um jardim lindo que abraça a casa — acrescentou Pamela.





Feita de concreto resistente, com janelas enormes e paredes espessas, a casa era cheia de luz e ventilação.

Os detalhes em vazado deixavam o ar circular e criavam desenhos incríveis com sombra e luz.

Tudo junto — o jardim, os pilares, o vidro, os materiais — fazia a casa parecer uma escultura de morar, forte e acolhedora.

— Que lugar incrível! — disse Pamela, encantada.

Todos concordaram: a arquitetura ali era cheia de beleza e criatividade

## ARQUITETURA SOCIAL MODERNA



Depois de explorarem a impressionante Residência Scanagatta, os quatro amigos embarcaram na reta final da sua jornada pela arquitetura brasileira.

— Uau, parece que foi ontem que começamos essa viagem! — disse Rafael, olhando pela janela do avião.

— Mas agora é hora de conhecer a arquitetura social moderna! — lembrou Pamela, animada. — Essa parte é super importante, porque mostra como a arquitetura pode ajudar a melhorar a vida das pessoas.



— Mas o que é exatamente arquitetura social? — perguntou Matheus, coçando a cabeça.

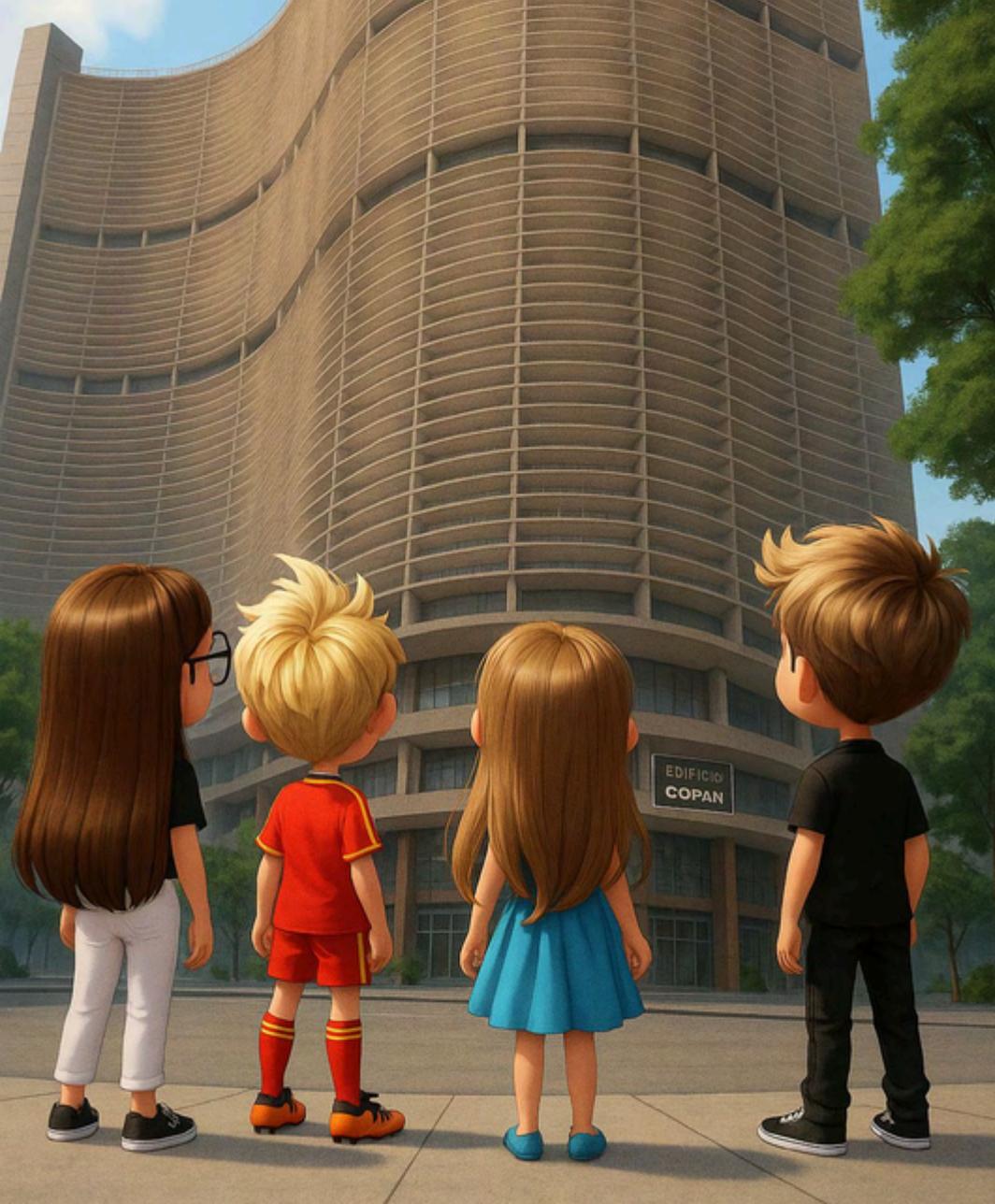
Paola, que havia lido um livro sobre o tema, respondeu com um sorriso:

— É quando os arquitetos pensam em prédios, casas e espaços que ajudem toda a sociedade, especialmente as pessoas que mais precisam. Aqui no Brasil, essa ideia cresceu muito depois que o país passou por várias mudanças, como a urbanização rápida. Muita gente foi morar nas cidades e os arquitetos começaram a planejar lugares que fossem bonitos, úteis e acessíveis pra todos (MONTEZUMA, 2002).

— Tipo escolas, hospitais e moradias populares? — perguntou Rafael.

— Isso mesmo! E hoje a gente vai conhecer um dos exemplos mais famosos: o Edifício Copan, em São Paulo!

Quando chegaram ao centro da cidade, os quatro amigos ficaram de queixo caído.



— Olha aquilo! Parece uma cobra gigante feita de concreto! — exclamou Matheus, apontando para o prédio ondulado.

— Esse é o Copan! — disse Paola. — Ele foi projetado pelo Oscar Niemeyer! O prédio começou a ser construído nos anos 1950 e tem mais de 100 metros de altura! (MONTEZUMA, 2002).

— E cabe muita gente ali dentro? — quis saber Rafael, espiando os andares infinitos.

— Mais de 5 mil pessoas! — respondeu Matheus, lendo uma plaquinha informativa.

— É tipo uma cidade mesmo! — disse Pamela, impressionada.

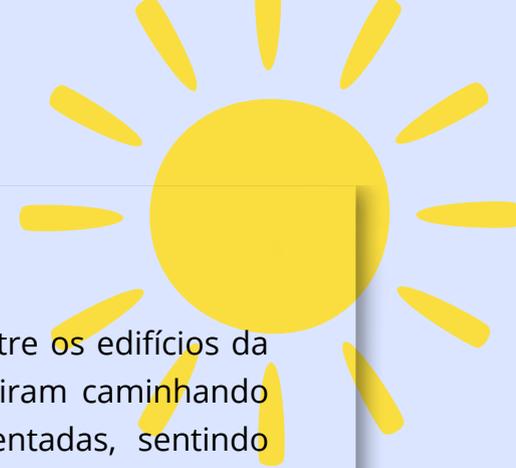


Enquanto caminhavam pela base do Copan, os amigos notaram como o prédio era vivo: pessoas entrando e saindo, conversando nas varandas, cheirinho de café vindo de uma padaria escondida.

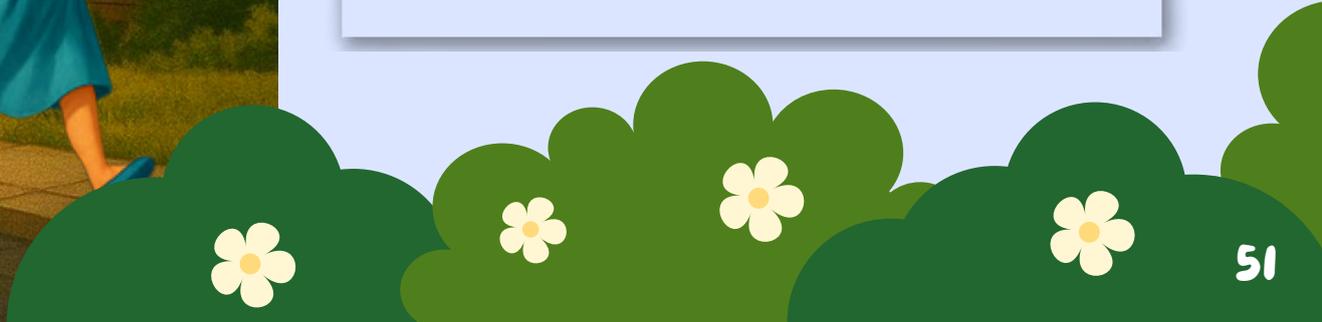
— O legal é que a ideia do Niemeyer era justamente essa: criar um espaço que fosse acessível, bonito e que as pessoas sentissem orgulho de morar — disse Paola (MONTEZUMA, 2002).



— É a arquitetura ajudando a construir uma sociedade mais justa — completou Rafael.  
— E com muito estilo, né? — brincou Pamela, tirando uma selfie com a curva elegante do prédio ao fundo.



Com o sol se pondo entre os edifícios da cidade, os amigos seguiram caminhando pelas calçadas movimentadas, sentindo que, mais do que aprender sobre construções, tinham descoberto como a arquitetura pode transformar vidas. E assim, quase no final da jornada, entenderam que a arquitetura brasileira é feita de formas, histórias e, principalmente, de pessoas.



# ARQUITETURA PÓS MODERNA

Depois de São Paulo, a Turminha da Arquitetura seguiu para o sul do Brasil. Era hora de conhecer a tal da arquitetura pós-moderna.



— E o que isso quer dizer? — perguntou Matheus, curioso.

— É um estilo que veio depois do modernismo — explicou Paola. — Os arquitetos começaram a misturar tudo: formas, cores, estilos antigos e novos. É mais divertido e criativo! (BASTOS, 2015).



— E no Brasil? — perguntou Rafael.  
— Começou nos anos 70 e 80. Os prédios ficaram mais diferentes, menos sérios — disse Pamela (BASTOS, 2015).

— Gente, que lugar é esse? — exclamou Matheus olhando pela janela.  
— Esse é o Edifício da Sucata, do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet — contou Paola. — O nome é porque ele parece feito com pedaços de outros prédios: pedra, vidro espelhado, escadas malucas...(BASTOS, 2015).  
— E tudo isso é de propósito? — perguntou Rafael.



— Sim! A pós-modernidade gosta de brincar com a arquitetura — explicou Pamela (BASTOS, 2015). Os quatro deram risada, tiraram fotos e concordaram:

— Estranho? Sim. Mas também ousado, divertido... e cheio de personalidade!

A viagem estava quase no fim, mas a vontade de explorar nunca foi tão grande.

# ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA



O último destino da Turminha da Arquitetura era especial: não era o passado, nem o futuro. Era o agora.

— Agora vamos conhecer a arquitetura contemporânea! — anunciou Rafael, sorrindo.

— Contemporânea? Tipo... bem de hoje? — perguntou Matheus.

— Exatamente! — disse Rafael. — É a arquitetura que está sendo feita agora, com novos materiais, novas ideias e muito cuidado com o planeta (VALE, 2019).

— E cada arquiteto pode ter um jeito bem único de criar — completou Pamela. — A tecnologia ajuda, mas o que mais conta é a criatividade! (VALE, 2019)





Eles chegaram então a uma casa diferente, leve e elegante, no meio da natureza. Era o Casa Mirador, projeto do escritório brasileiro Terra e Tuma Arquitetos.

Com os olhos atentos e o caderno na mão, Paola começou a explicar:

— Olhem só os detalhes:

**INTEGRAÇÃO COM  
A PAISAGEM**

**GRANDES ABERTURAS  
DE VIDRO**

**SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS COMO  
VENTILAÇÃO CRUZADA E LUZ  
NATURAL**

**USO DE CONCRETO APARENTE**

-Isso é realmente fantástico! Concordaram todos impressionados.

A Turminha da Arquitetura se olhou com carinho. Tinham viajado por muitos lugares, atravessado tempos e estilos, e agora sabiam que a verdadeira arquitetura mora não só nas paredes... mas no olhar de quem vê o mundo com atenção.



# CONCLUSÃO

Depois de tantos dias de viagem, risadas e descobertas, a Turminha da Arquitetura chegou ao fim da sua viagem. O mapa estava completo. Cada ponto marcado guardava uma história, uma emoção, um jeito diferente de morar e viver.

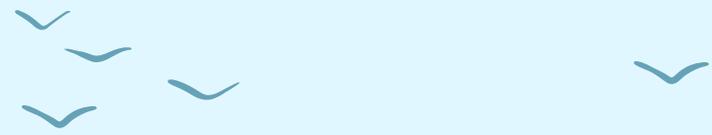
— Desde as ocas indígenas até os prédios modernistas... quanta coisa linda a gente conheceu!

— disse Paola, com os olhos brilhando.

— A arquitetura muda com o tempo, com a cultura, com o lugar... mas sempre tem um jeitinho de dizer quem somos — completou Rafael.

Pamela abriu seu caderno e mostrou os desenhos que havia feito durante a viagem: casas de palha, igrejas coloniais, prédios tortos e retos, janelas pequenas e enormes, jardins e esculturas de morar.





— A gente viu que a arquitetura não é só parede e telhado. É memória, é arte, é abrigo — disse, sorrindo.

Matheus olhou para os amigos e comentou:

— E o mais legal é que agora podemos contar essa história pra outras pessoas. Quem sabe a gente não inspira futuros arquitetos por aí?

— Ou futuros curiosos! — brincou Pamela. — Porque pra gostar de arquitetura, nem precisa ser arquiteto. Basta olhar com atenção, com carinho, com vontade de entender o mundo.



E foi com esse carinho que a turminha se despediu da aventura. Mas antes de fechar o livro, deixaram um recado especial:

“Se um dia você olhar para uma casa, uma praça ou até uma janela e sentir que tem algo mágico ali... pode acreditar: você também começou a enxergar o mundo com olhos de arquitetura.”

A viagem acabou, mas o amor por construir histórias — e sonhos — estava só começando.





ATÉ A PRÓXIMA, PEQUENOS ARQUITETOS!

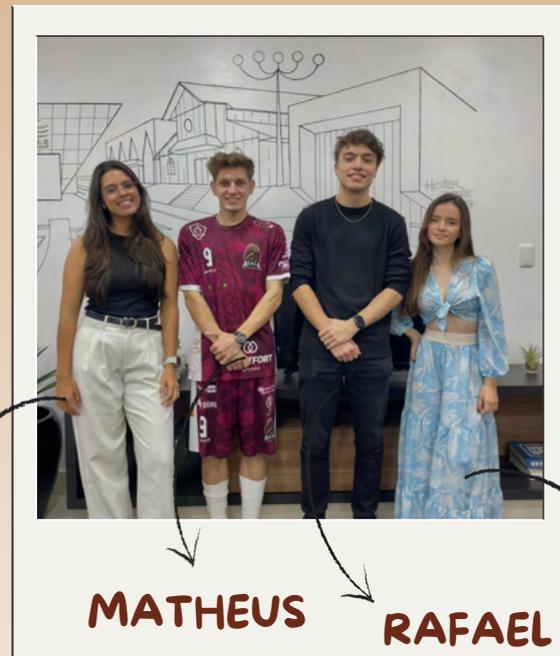


# SOBRE OS AUTORES

Paola Piacessi, Pamela Danieli Brun, Matheus Castanha e Rafael Specian são estudantes de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Com a orientação do professor Arthur Lorenzo, eles criaram este livro com um objetivo especial: apresentar a arquitetura brasileira de forma leve e encantadora para o público infantil.

Mais do que autores, eles se tornaram personagens da própria história, mostrando que a arquitetura está nas memórias, nas brincadeiras e no olhar curioso das crianças.

Este livro é um convite para ver o mundo com outros olhos — encontrando poesia nas construções, arte nas cidades e emoção nos detalhes. Para eles, contar histórias também é construir pontes entre o conhecimento e a imaginação.



**PAOLA**

**MATHEUS**

**RAFAEL**

**PAMELA**



**HORA DE COLORIR!**





